



REDATOR PRINCIPAL

ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Conféderação Geral do Trabalho

EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redação, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa - PORTUGAL
Endereço telegráfico: *Talhoba-Lisbon* • Telefone 5339 0.

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A' MARGEM DO BOM-SENSO

Sobre as iniciais A. M.—que tanto podem significar Anastácio Miguel como Asno Manifesto—apresentava anteontem a *República* uma série de considerações desconchavadas. Lá se tentava demonstrar que «as frequentes greves das classes proletárias, de justas que foram, passaram a ser descasadas e irritantes». Argumentos que escorrassem tal parecer não os continha o artigo de que falamos.

O autor não dá campo para controvérsia, e aqui nos encontramos nós embaraçados para responder-lhe como cumpria. E' que o escrito de A. M. não tem ponta por onde se lhe pague. Ele começa dum modo elevantudo, épico quase, e diz assim:

Uma aragem de loucura perpassa neste momento sobre as classes proletárias.

Há a notar apenas que para o peopela a redondinha menor é insuficiente, e o sr. A. M., no período fielmente copiado acima, não consegue livrar-se daquele metro popular. Contudo, muito ganharia o prolegómenos do sr. A. M. assumindo uma mais apropriada disposição tipográfica. Assim, por exemplo:

Uma aragem de loucura Perpassa, neste momento, Sobre as classes proletárias,

O verso último, para completar a quadra, esqueceu-se o sr. A. M. do pôlo. Provavelmente encontrou rima. Se procurasse bem encontraría jumento, para com que terminaria a composição, deixando-a ao mesmo tempo assinada, quase sem dar por isso. Mas o sr. A. M. não teve ocasião de procurar, porque suas ideias lhe fervilhavam no cérebro. As quais ideias expõe, numa linguagem capaz de deixar perder de vista o quimundo e landim — como facilmente se comprova, pela transcrição exactíssima dum período:

Na greve dos operários municipais, as responsabilidades dos seus quotentes funestos, tanto cabem à incompetência, como ao pessoal de limpeza e regas.

A subrepúcia alegação dos quotentes funestos mostra que sr. não A. M. limpa o estilo a um caco; os operários municipais é que nos declararam já serem possuidores de tais quotentes» nem de quaisquer outros berbicachos funestos. Esta constância não anula, todavia, indignação do sr. A. M. contra procedimento dos trabalhadores Câmara. O sr. A. M. condena porque

...eles abandonaram o serviço num momento outonal afecto à propagação de enfermidades infecções.

E' deliciosa, esta do «momento outonal». Os operários, decididamente, deveriam aguardar, para abandonar o serviço, um momento primaveril. Quando, muito, estiver. Outonal é que se não admira. Mas há mais. As responsabilidades dos quotentes não cabe nas a pessoas da limpeza e regas. Numa prosa refinadamente negaçosa, o sr. A. M. acentua essas responsabilidades cada vez também:

...ao pessoal dos cemitérios, que deixou os cadáveres inselpados, à mercê da corrupção das intempéries sem pensar no que de grave dali poderia nascer e, por último, do operariado do matadouro municipal que devia ter a compreensão necessária da inconsciência do seu passado, em abandonar um serviço que iria prejudicar o ventre de uma grande cidade de 600:000 habitantes, deixando-a sem carne, uma das grandes bases da alimentação pública.

Coisas tremendas e deploráveis, a que o sr. A. M. nos aponta. «Corrupção das intempéries» já é passoso. Agora «a inconsciência da inconsciência dos pastores, em abandonar o serviço é evidentemente de estarrerco. Coitados, só uma chuva de piadas poderia eficazmente pôr cobro.

* * *
Som desejariamós nós esquecer particularidades belezas do estilo — A. M. para analisar ex-

NOTAS & COMENTARIOS

Mais três

O país está pobre, o povo morre de fome e o Estado deve a todos a gente, até àquelas que o servem, como os professores primários. O Estado não tem crédito no estrangeiro, os políticos fazem fortuna à sua custa e as casas Nápoles metem nos cofres milhares de contos de comissões injustificáveis. O país está pobre, o Estado que apesar da sua pobreza, vai pagando a deputados, ministros e quejandos, não pôde aumentar os salários aos ferroviários, obrigando-os a ir para uma greve municipal — o despedimento de alguns operários por se recusarem a trair a greve marítima — é futil e ingénua! Ingénua e futil uma manifestação admirável de solidariedade! Como estará formada a consciência deste A. M. que assim mostra ignorar a validade do fautor dignidade na orientação dum homem ou dum agregado de homens, ligados por um interesse ou por uma ideia?

Que conceito fará ele do que seja brio, do que seja lialdade, do que seja auxílio mútuo, do que seja honra? Não sabemos, mas é fácil avaliar...

A. M. nega ainda aos operários municipais o direito de receber os quarenta escudos de subsvenção que em Julho último foram concedidos aos funcionários públicos. Desses quarenta escudos só metade os trabalhadores da câmara vinham recebendo, e é o pagamento da outra metade que os grevistas reclamam. Esta reclamação condene-a A. M. no trecho seguinte, redigido... com a vêr-se:

Os operários municipais, que não tem despesas de apresentação, nem tiveram despesas de instrução, pois raramente se encontra, na sua classe, um camarada que saiba ler e escrever, querem usufruir regalias, prebendados equivalentes em tudo, aos recebidos pelo pessoal superior pelo pessoal intelectual, pelo pessoal que cursou escolas, licenciatura, etc., vezes com grandes sacrifícios das famílias, que, sendo pobres sentem agora o grande e tardio arrependimento de não terem antes, parcionisamente, enveredado os seus filhos pelo rendoso caminho de um trabalho material, qual seja um ofício qualquer?

Cada frase, cada asneira. É notabilidade desta ordem atrevida-se impudicamente a vir falar-nos de cursos, de escolas, de instrução — um A. M. que nem os mais elementares preceitos de gramática conhece! E não o terem os pais enveredado, parcionisamente, claro está, pelo rendoso caminho dum trabalho material, qual seja um ofício qualquer — capar pés de burro, por exemplo!

Liberdade de cultos

Que a todos seja permitida a liberdade de pensamento

De Almada recebemos a seguinte carta para a qual chamaríamos a atenção dos nossos leitores:

Camarada redactor. — Hoje, logo de manhã, quando ia ao meu labor, notei, em Cacilhas, junto da porta do mais importante estabelecimento cá do burgo, a Casa Serra, um edital convocando, no prazo de 24 horas, a contar da sua fixação (onze horas), todos os habitantes do concelho de Almada a pronunciar-se sobre a realização duma procissão católica, que no dia 2 de Novembro deve percorrer as ruas de Cacilhas. Se dentro deste prazo, não houver opiniões contrárias, o administrador consentirá na realização da referida procissão.

Sou avançado em ideias, e porque algumas camaradas se acham indignados com o caso, permitem-me dizer algo a tal respeito.

Não me importa que os católicos exerçam o seu culto na praça pública. O que me importa é que igual liberdade, a liberdade de se manifestarem na praça pública, seja concedida aos protestantes. Alvitre, portanto, o que se segue:

Que as classes operárias a liberdade viva convocuem o povo a reunir em comício, no largo de Cacilhas a fim de protestar contra a carestia da vida e contra todos os ataques feitos à liberdade de pensamento, de reunião, de associação, etc... Ou então, que se forme um cortejo em que haverá cartazes negros, com caracteres brancos que indicarão os preços dos géneros da primeira necessidade, as datas célebres dos ataques da religião e reacionários contra o proletariado, e para isso só uma forte barreira das classes trabalhadoras o pode conseguir.

Como se tivesse dado um incêndio na propriedade de Bernardino Vaz Monteiro, cobardemente acusaram aqueles camaradas de serem os seus autores. A vingança dos proprietários foi ao ponto de conseguirem que fossem presos os camaradas Joaquim Ferreira Sá, Manuel Ferreira, António Vicente dos Santos, João Moreira, Gualdino de Almeida Seixas, que é tesoureiro da associação, e José dos Santos Ferreira.

E' certo, porém, que já foram postos os réus no júri, e que os juízes, a fim de protegerem a liberdade de pensamento, a liberdade de reunião, de associação, etc... Ou então, que se forme um cortejo em que haverá cartazes negros, com caracteres brancos que indicarão os preços dos géneros da primeira necessidade, as datas célebres dos ataques da religião e reacionários contra o proletariado, e para isso só uma forte barreira das classes trabalhadoras o pode conseguir.

As estas manifestações forem consentidas não restaria a menor dúvida de que a liberdade de pensamento era um facto em Almada.

E os cortejos poderão passar um pouco, sem novidade de maior. — Almada, 23-10-1920. — Zeca Pinto.

A trilogia simbólica

Eu não sei bem, mas cuido ter lido um dia, algures, que as nações tem os governos que merecem; parece-me também, que anda, impresso, correndo mundo um conceito segundo o qual, os governos democráticos devem ser a resultante de uma selecção meticulosa dos valores mentais das sociedades que os elegem.

E' verdade! E' assim! E quando quiserem career de fundamento, tam diamantinas verdades, o que no presente momento se passa com a sociedade portuguesa, seria a demonstração que, intrinsecamente, as justificaria.

Uma nação, que consente vida a um governo chefiado pelo Sr. Granjo, tutelado pelo Sr. Liberato Pinto, e instruído pelo Sr. Dantas... pode, porventura, ter mais alguma aspiração???

Uma nação, que tende a presidir ao seu destino tam preclaros varões, tem ainda a felicidade de alimentar em seu seio aquela tam selecta assemblea — que pouca ali no pombo de S. Bento — uma nação, que tem diplomatas subis como aza de mosca, financeiros absolutamente inocentes, uma nação assim, uma nação que tal consente, uma nação em que todos os valores servem de fundo a tais fenomenos, certamente essa nação tem o que merece, mas, merece ainda mais do que tudo o que o destino lhe dá.

O governo é o símbolo, um símbolo trífice, desta mesquinha vida nacional.

O Sr. Granjo, político-liberal, permitindo, sancionando com a sua autoridade o ultraje constante de todas as liberdades.

O Sr. Liberato Pinto cuidando que a ordem se mantém a patas de cavalo e a granadas de mão.

O Sr. Dantas, interessando-se em seu embaixada a comédia-nacional, padecendo mesmo ir disputar algumas ideias aos ratos da Biblioteca.

Esta trindade tam harmonicamente composta por linhas janotas de vaidade, rapos de inconsciência e monstros de ignorância, esta trindade, ha-de levar-nos... onde? O! Certamente perto e... mau caminho!

Pois bem! Nós, não iremos!

O Sr. Granjo, pode gabar-se de levar para a arreata o capitalista, a força-viva; pode à vontade delirar sobre a odissea celebradora do seu talento, poe de levar a rebozo usando, licitamente, aquela força que provisoriamente foi dotado, todos os inutilez, todos os tolos, todos os ambiciosos.

O Sr. Liberato Pinto, pode ordenar o avanço de todos os cavalos, de todo esse material de destruição que lhe aprovou armazenar.

Pode o Sr. Dantas roubar a qualquer amada os cabelos para a guitarra. Can-te à vontade!

O mais que poderemos é dar-lhe uma cédula de meio tostão, que pouco mais vale agora do que dez reis...

A Trindade... motriz, arrastará os outros, a nós?? não.

Nós sabermos resistir, e havemos de vencer porque estão do nosso lado a justiça, o direito, a liberdade.

Nós! Não. Nós temos de nos defender, de nos recusar, a liberdade em cada defesa, tanto dos nossos tem bens para sempre.

Ouviu, Sr. Granjo? Nós, não iremos... nem mesmo a pau e corda.

João da BEIRA

Aos operários da Construção Civil

Do Sindicato Único da Construção Civil, recebemos a seguinte nota:

Camaradas: Este Sindicato tem conhecimento de que o facto previsto na nossa nota inserta em A Batalha, de ontem, consumou-se. Pois constatou, com a mais profunda indignação, que nouve na nossa indústria operários que se prestaram ao vil papel de atraçar os camaradas do Municipio, que lutam por uma causa justa.

Actos desta natureza são de molde a fazer tremer de indignação todos os que se prezam de pertencer à indústria da Construção Civil.

Para que este tan grave assunto seja debatido, são convidados todos os operários da indústria, com especialidade os que trabalham nas obras do Estado, a reunirem-se hoje, pelas 17 horas, em sessão magna, na sede do Sindicato.

Como se tivesse dado um incêndio na propriedade de Bernardino Vaz Monteiro, cobardemente acusaram aqueles camaradas de serem os seus autores. A vingança dos proprietários foi ao ponto de conseguirem que fossem presos os camaradas Joaquim Ferreira Sá, Manuel Ferreira, António Vicente dos Santos, João Moreira, Gualdino de Almeida Seixas, que é tesoureiro da associação, e José dos Santos Ferreira.

E' certo, porém, que já foram postos os réus no júri, e que os juízes, a fim de protegerem a liberdade de pensamento, de associação, etc... Ou então, que se forme um cortejo em que haverá cartazes negros, com caracteres brancos que indicarão os preços dos géneros da primeira necessidade, as datas célebres dos ataques da religião e reacionários contra o proletariado, e para isso só uma forte barreira das classes trabalhadoras o pode conseguir.

Contra estes atropelos é necessário que os trabalhadores conscientes se ponham em guarda, pois que as perpendiculars á organização operária vão-se tornando irritantes, convindo que o racionalismo de todas as cōrtes não continue a pretender esmagar as aspirações do proletariado, e para isso só uma forte barreira das classes trabalhadoras o pode conseguir.

Como se tivesse dado um incêndio na propriedade de Bernardino Vaz Monteiro, cobardemente acusaram aqueles camaradas de serem os seus autores. A vingança dos proprietários foi ao ponto de conseguirem que fossem presos os camaradas Joaquim Ferreira Sá, Manuel Ferreira, António Vicente dos Santos, João Moreira, Gualdino de Almeida Seixas, que é tesoureiro da associação, e José dos Santos Ferreira.

E' certo, porém, que já foram postos os réus no júri, e que os juízes, a fim de protegerem a liberdade de pensamento, de associação, etc... Ou então, que se forme um cortejo em que haverá cartazes negros, com caracteres brancos que indicarão os preços dos géneros da primeira necessidade, as datas célebres dos ataques da religião e reacionários contra o proletariado, e para isso só uma forte barreira das classes trabalhadoras o pode conseguir.

Contra estes atropelos é necessário que os trabalhadores conscientes se ponham em guarda, pois que as perpendiculars á organização operária vão-se tornando irritantes, convindo que o racionalismo de todas as cōrtes não continue a pretender esmagar as aspirações do proletariado, e para isso só uma forte barreira das classes trabalhadoras o pode conseguir.

Como se tivesse dado um incêndio na propriedade de Bernardino Vaz Monteiro, cobardemente acusaram aqueles camaradas de serem os seus autores. A vingança dos proprietários foi ao ponto de conseguirem que fossem presos os camaradas Joaquim Ferreira Sá, Manuel Ferreira, António Vicente dos Santos, João Moreira, Gualdino de Almeida Seixas, que é tesoureiro da associação, e José dos Santos Ferreira.

E' certo, porém, que já foram postos os réus no júri, e que os juízes, a fim de protegerem a liberdade de pensamento, de associação, etc... Ou então, que se forme um cortejo em que haverá cartazes negros, com caracteres brancos que indicarão os preços dos géneros da primeira necessidade, as datas célebres dos ataques da religião e reacionários contra o proletariado, e para isso só uma forte barreira das classes trabalhadoras o pode conseguir.

Contra estes atropelos é necessário que os trabalhadores conscientes se ponham em guarda, pois que as perpendiculars á organização operária vão-se tornando irritantes, convindo que o racionalismo de todas as cōrtes não continue a pretender esmagar as aspirações do proletariado, e para isso só uma forte barreira das classes trabalhadoras o pode conseguir.

Contra estes atropelos é necessário que os trabalhadores conscientes se ponham em guarda, pois que as perpendiculars á organização operária vão-se tornando irritantes, convindo que o racionalismo de todas as cōrtes não continue a pretender esmagar as aspirações do proletariado, e para isso só uma forte barreira das classes trabalhadoras o pode conseguir.

Contra estes atropelos é necessário que os trabalhadores conscientes se ponham em guarda, pois que as perpendiculars á organização operária vão-se tornando irritantes, convindo que o racionalismo de todas as cōrtes não continue a pretender esmagar as aspirações do proletariado, e para isso só uma forte barreira das classes trabalhadoras o pode conseguir.

Contra estes atropelos é necessário que os trabalhadores conscientes se ponham em guarda, pois que as perpendiculars á organização operária vão-se tornando irritantes, convindo que o racionalismo de todas as cōrtes não continue a pretender esmagar as aspirações do proletariado, e para isso só uma forte barreira das classes trabalhadoras o pode conseguir.

Contra estes atropelos é necessário que os trabalhadores conscientes se ponham em guarda, pois que as perpendiculars á organização operária vão-se tornando irritantes, convindo que o racionalismo de todas as cōrtes não continue a pretender esmagar as aspirações do proletariado, e para isso só uma forte barreira das classes trabalhadoras o pode conseguir.

Contra estes atropelos é necessário que os trabalhadores conscientes se ponham em guarda, pois que as perpendicular

tência, recorrem os nossos adversários às mais íntimas prepotências, perpétuando o regime de terror e repressão que põe em risco a vida dos trabalhadores, a segurança das instalações e o processo de trabalho das máquinas. Eles, pretendem tirar as nossas reclamações, esmagando-nos, para que nunca mais possamos levantar a cabeça e dizer que temos fome e que vivemos vidas de miseráveis.

Mas as mesmas medidas autoritárias e coercitivas nos derrotaram, proclamando o nosso direito à vida a mestres-nos dispostos a travar peleja decisiva e a resistir aos embates furiosos dos que pretendem fazer-nos sucumbir nesta batalha que é de vida ou de morte. Por isso avançamos dia após dia, sempre porque é axiomático que da união nasce a força, e agora mais do que nunca nos encontramos congregados com os camaradas do S. S. e P., destinados a fazer face a todos os ataques.

Fecharam-nos a sede do associativo, mas o espírito destina-se a expandir-se para as nossas famílias, porque permanece bem vivido.

O inicio de pôrém à frente das máquinas o vagão-fantasma, em vez de diminuir as nossas faculdades de resistência, vem, pelo contrário, avalorizar o nosso espírito de revolta, do qual só os camponeses e os nossos filhos que presenciando tam bárbaro espetáculo seriam capazes de colocar-se à frente dos combóis a bradar o seu indignado protesto contra grande infâmia.

Que nenhum ferroviário se deixe ludiar com o aberto ou velado governo dos camponeses, que é de todos os meios para esfogalhar a raioção dos nossos opressores, que com os processos a que estão recorrendo nos obrigan a tudo, até à greve revolucionária.

Viva a greve geral dos ferroviários portugueses! Viva o operariado em geral! — C. A. R.

Notas diversas

Contatam-nos ontem um caso sucedido com um amarelo, que vem demonstrar por que certa gente se presta ao papel de traidor, não aderindo aos movimentos grevistas, contentando-se com os ossos que lhe deixam os patrões, pois acham mais digno apelar para processos que nós reputamos indecorosos.

Desempenhando o lugar de condutor dos elevadores na estação do Rossio, este um carregador da mesma estação, chamado Braz. A este fulano dirigiu-se ontem um indivíduo a inquirir da forma como poderia adquirir um bilhete para embarcar amanhã, para determinado ponto da província.

O carregador Braz, segundo nos contam, opoz as maiores dificuldades, tendendo que o passageiro tinha que sujeitar-se à bicha, pois não havia outra forma de obter o bilhete.

O indivíduo em questão não desistiu e argumentou que estava disposto a gratificá-lo com cinco escudos. Perante tal oferta o amarelo mudou de atitude, prontificando-se a arranjar o bilhete dizendo-lhe que fosse buscá-lo hoje, das 13 para as 14 horas.

Desta forma se explica que haja quem esteja satisfeito com a miséria que ganha.

Operários alfaiates

Esta classe, devido ao facto de na sua sede não poder reunir por as salas serem pequenas, resolveram arranjar outra associação onde o pudesse fazer, e como quer que fosse pela autoridade avisada de que para isso era necessário autorização do governador civil, três comissões procuraram aquela entidade na sexta-feira, não sendo possível encontrá-la.

Estava marcada para ontem uma reunião da classe na Associação dos Caixeiros, cujas salas se achavam repletas de pessoas, quando o passageiro tinha que sujeitar-se à bicha, pois não havia outra forma de obter o bilhete.

Em quanto estas demarches sucediam, a Associação dos Caixeiros era cada vez mais uma aglomeração de operários alfaiates, até que um delegado da comissão de informações, depois de pedir silêncio, declarou que os industriais acabavam de obter uma vitória, porquanto a reunião estava proibida e aconselhou a classe a que se mantivesse unida, terminando com um viva à greve geral, que foi entusiasmaticamente correspondido, debandando a assistência indignada na sexta-feira, não sendo possível encontrar-a.

Em quanto estas demarches sucediam, a Associação dos Caixeiros era cada vez mais uma aglomeração de operários alfaiates, até que um delegado da comissão de informações, depois de pedir silêncio, declarou que os industriais acabavam de obter uma vitória, porquanto a reunião estava proibida e aconselhou a classe a que se mantivesse unida, terminando com um viva à greve geral, que foi entusiasmaticamente correspondido, debandando a assistência indignada na sexta-feira, não sendo possível encontrar-a.

A comissão que anda tratando de obter autorização para reunir, está quase convicta de que conseguirá vir o aumento resolvido já hoje e assim convoca a classe a reunir hoje, às 15 horas, na Associação dos Caixeiros, rua António Maria Cardoso, 20.

Recebemos do comité a seguinte comunicação:

Comandados: Pode-se constatar que o moral da classe continua indefectível, porque se nota cada vez mais a intensificação da greve.

Ontem proibiram-nos a reunião, mas essa foi, longe de abalar a classe, a confirmar a convicção de que andou aqui de dedo de gigante. Hoje reúnem os industriais de alfaiataria, que como colectividade, não tem existência legal. Este grande lastim que se tem é que a classe que se preste a trair-nos nas oficinas trair-nos. Se já não quisemos patrões...

Neste momento é preciso a unificação da nossa classe e para que triunfemos basta que os nossos actos correspondam... o grito é: Viva à greve geral da classe! — O Comité Central.

Operários municipais

Continua o movimento dos operários municipais, que não tem podido tomar conhecimento das demarches realizadas pela comissão mediadora da U. S. O., em virtude do governador civil haver proibido as reuniões das respectivas classes.

Hoje, pelas 13 horas, na sede da U. S. O., deve realizar-se uma reunião para aquela comissão expor o resultado dos seus trabalhos.

O comité enviou-nos a comunicação seguinte:

Apesar de se juntar que com perspectivas esmorecerão as classes envolvidas no movimento, em praças mais distantes e restringidas, impossível é em si pretender que elas estejam dispostas a lutar até o fim.

Continua a Câmara com a sua injustificável intrusividade a não querer solucionar o nosso conflito, pretendendo mostrar ao mundo que a classe operaia é sempre a que mais tem de perder.

Tais camaraçadas, que são serralheiros e ferreiros, desempenham o papel de amarelos, renegando o seu verdadeiro Sindicato.

Os corpos gerentes do Sindicato Único Metalúrgico vão tratar deste grave assunto e estão dispostos a levantar a classe contra tal anomalia e romper definitivamente contra tal absurdo.

A Câmara tantas vezes as considera como rascas do dinheiro, para nos dar os 3000 em díbito, mas tem no entanto para pagar 3500 por cada 4 horas de serviço aos desembolsadores do Mercado Agrícola da Ribeira Nova, para fazerem a limpeza das

Notas de além fronteiras

Manifesto do partido comunista polaco

Publicou a agência "Rosta" o seguinte manifesto do partido comunista polaco:

"Enquanto todas as potências rapaces do capitalismo se unem para aniquilar a Rússia proletária, nós os comunistas polacos entendemos necessário declarar, em alta voz, que os trabalhadores polacos não têm nada com a agressão do militarismo polaco contra a Rússia dos Soviéticos, e que odeiam esta guerra, considerando os soldados vermelhos como conquistadores, mas como aliados.

O proletariado polaco combate contra a guerra e é uma falsidade que é combate de acordo com o seu governo popular, e que odeia os bolcheviques.

"Proletários da Europa e da América! Deveis protestar mais energicamente ainda para que os vossos governos não se intrometam com as colas da Rússia, e impedir que seja prestado qualquer auxílio à contra-revolução polaca, tanto em dinheiro como em munícipes. Boicotei todo o auxílio ao governo, e o seu indignado protesto contra a grande infâmia.

Que nenhum ferroviário se deixe ludiar com o aberto ou velado governo dos camponeses, que é de todos os meios para esfogalhar a raioção dos nossos opressores, que com os processos a que estão recorrendo nos obrigan a tudo, até à greve revolucionária.

Viva a greve geral dos ferroviários portugueses!

Viva o operariado em geral! — C. A. R.

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Sindicato Único Metalúrgico — Na assembleia geral, realizada anteontem, foi largamente apreciado e com satisfação o estado financeiro do Sindicato, que se vem normalizando apesar a greve geral e resultante da greve geral.

Das contas do último trimestre apresentadas pela Comissão Administrativa, verificou-se um saldo que seria mais satisfatório se não for o ter-se de sair das divisas que ficaram das greves dos telefones e geral da direcção.

Tendo-se verificado a necessidade de melhor auxiliar os preços, a assembleia geral resolveu que da conta sindical \$5000 isentos da percentagem no cobrador que sairá da direcção do Sindicato.

Mais resolviu a assembleia nomear o camarada Manuel Pratas para o cargo de Secretário Administrativo, manifestando a confiança do Secretário Adjunto se tornar mais assiduo nos trabalhos da Comissão, resolvendo igualmente que por meio de uma comissão técnica conseguisse que entre todos os representantes que fazem parte da direcção se obtenha a reconstrução do Conselho Técnico.

Em nome da Comissão Técnica e de Mouscron, o camarada Joaquim da Silva refutou o que se passou com os últimos mimosos e parcialmente p'ra amarrar os trabalhadores, tendo sido os camponenses expedientes, quando a assembleia as clausas em lutado.

O governo de Eribal regeu este ultimatum. — Rádio.

Últimas notícias

Rússia vermelha

O governo dos soviéticos envia um ultimatum à Arménia

LONDRES, 23. — O governo dos soviéticos dirigiu à Arménia um ultimatum pedindo-lhe a liberdade de trânsito e do emprego das linhas férreas para o transporte dos exércitos kemalistas e russos, a denúncia do Tratado de Sevres e a arbitragem da Rússia para a fixação da fronteira da Arménia.

O governo de Eribal regeu este ultimatum. — Rádio.

Complots anti-bolxevistas?

HELSINGFORS, 23. — A imprensa vermelha confirma a descoberta de complots anti-bolxevistas em várias cidades da Sibéria Oriental, especialmente em Ousin, Cholavinsk, Torsk e Erkurst.

Entre os conspiradores figuram oficiais do exército vermelho. — Rádio.

Lord de Cork ainda resiste

Os médicos tentam alimentá-lo

LONDRES, 23. — O Daily Chronicle diz saber que ultimamente os médicos da cadeia de Bristol aproveitaram um desmaio do Lord Maior de Cork para lhe fazer ingerir extracto de carne e cognac. Quando Max Sweeney recuperou os sentidos e se informou do que lhe haviam feito, protestou indignadamente e disse que esta interrupção involuntária não é a única mudar de atitude.

Lord de Cork tem por dever:

1.º—Exercer os cargos para que sejam eleitos, salvo se usa justificada, e aceite a proposta de seu delegado.

2.º—A fazer parte da assembleia geral, intervir nas suas discussões e votações, a eleger e a ser eleito;

3.º—A solicitar a convocação da assembleia geral, quando grupos em número mínimo de 6000.

4.º—A examinar os livros e documentos da federação nas épocas regulamentares;

5.º—A receber os lucros ou dividendos da federação;

6.º—A exonerar-se de sócios em virtude da desolução da sua direcção ou nomeado por ela.

7.º—A cumprir pontualmente os compromissos tomados com a direcção;

8.º—Auxiliar a propaganda cooperativista;

9.º—Compreender as reuniões das assembleias gerais e fazer cumprir os estatutos e regulamentos;

10.º—A cumprir pontualmente os compromissos tomados com a direcção;

11.º—A exercer os direitos de seu delegado.

12.º—A cumprir pontualmente os compromissos tomados com a direcção;

13.º—A exercer os direitos de seu delegado.

14.º—A cumprir pontualmente os compromissos tomados com a direcção;

15.º—A exercer os direitos de seu delegado.

16.º—A cumprir pontualmente os compromissos tomados com a direcção;

17.º—A exercer os direitos de seu delegado.

18.º—A cumprir pontualmente os compromissos tomados com a direcção;

19.º—A exercer os direitos de seu delegado.

20.º—A exercer os direitos de seu delegado.

21.º—A exercer os direitos de seu delegado.

22.º—A exercer os direitos de seu delegado.

23.º—A exercer os direitos de seu delegado.

24.º—A exercer os direitos de seu delegado.

25.º—A exercer os direitos de seu delegado.

26.º—A exercer os direitos de seu delegado.

27.º—A exercer os direitos de seu delegado.

28.º—A exercer os direitos de seu delegado.

29.º—A exercer os direitos de seu delegado.

30.º—A exercer os direitos de seu delegado.

31.º—A exercer os direitos de seu delegado.

32.º—A exercer os direitos de seu delegado.

33.º—A exercer os direitos de seu delegado.

34.º—A exercer os direitos de seu delegado.

35.º—A exercer os direitos de seu delegado.

36.º—A exercer os direitos de seu delegado.

37.º—A exercer os direitos de seu delegado.

38.º—A exercer os direitos de seu delegado.

39.º—A exercer os direitos de seu delegado.

40.º—A exercer os direitos de seu delegado.

41.º—A exercer os direitos de seu delegado.

42.º—A exercer os direitos de seu delegado.

43.º—A exercer os direitos de seu delegado.

44.º—A exercer os direitos de seu delegado.

45.º—A exercer os direitos de seu delegado.

46.º—A exercer os direitos de seu delegado.

47.º—A exercer os direitos de seu delegado.

48.º—A exercer os direitos de seu delegado.

49.º—A exercer os direitos de seu delegado.

50.º—A exercer os direitos de seu delegado.

51.º—A exerc